

## A experiência de jovens professoras feministas e a rede social como *lócus* de militância

### RESUMO

**Patrícia Karla Soares Santos  
Dorotéo**  
E-mail:  
patriciakarlass@hotmail.com  
Universidade do Estado de Minas  
Gerais, Ibirité, Minas Gerais, Brasil

Esse artigo se detém sobre o discurso feminista que constitui a experiência de militância de três jovens professoras, a partir de suas práticas discursivas na rede social *Facebook*. A rede social é aqui entendida como *lócus* de militâncias de múltiplas pautas, múltiplos focos, múltiplos movimentos. O conceito de experiência, em Michel Foucault, fundamenta as análises. Procuramos apreender traços da correlação entre os saberes, poderes e as formas de subjetividade que estão em jogo nos discursos de militância feminista das professoras pesquisadas. Para responder as questões de pesquisa, foi feita uma netnografia no perfil da rede social *Facebook*, seguida por entrevista a cada uma delas. A partir do que publicam na rede social, é possível afirmar que elas fazem um movimento que mobiliza fragmentos, rastros, pedaços de discursos feministas historicamente construídos, de modo a realizar a luta, a denúncia e a resistência.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminismo. Militância docente. Redes sociais.

## INTRODUÇÃO

Uma marca da contemporaneidade tem sido o retorno das manifestações de rua pelo mundo. Movimentos como o acontecido em Seattle, Estados Unidos, em 1999, as tomadas das praças na Turquia, no Egito, na Espanha, assim como as chamadas “jornadas de junho” que assolaram o Brasil em 2013, trouxeram múltiplas pautas de luta que tinham em comum certo nível de “indignação”. Esses movimentos deixaram algumas pistas: novos modos de atuação, já que muitos diziam-se independentes de sindicatos e partidos políticos; novas formas de organização, cujo auxílio da tecnologia digital dinamizou (DARDOT, LAVAL, 2017; CASTELLS, 2013). Nessas manifestações, pudemos ver uma profusão de jovens que, a partir do domínio das ferramentas tecnológicas e com a chamada insistente das *#hashtags*, conseguiram levar às ruas milhares de pessoas.

Esse artigo é parte de uma pesquisa interessada em compreender a constituição da militância de jovens professoras, considerando os elementos da contemporaneidade: as características dos movimentos de rua, as formas de militar, os usos das tecnologias digitais. A partir desse cenário, a pesquisa olha para as redes sociais como lócus de discursos de militância de múltiplas pautas, múltiplos focos, e múltiplos movimentos que trazem para a cena política questões como gênero, sexualidade, etnia. Causas, pautas e movimentos que têm sinalizado discursos que também passam a conformar a história da militância de professores.

Especificamente, o recorte desse artigo se detém sobre um tipo de militância bastante anunciada pelas jovens professoras pesquisadas: o feminismo. Discursos feministas se destacam como um importante elemento da militância que as professoras praticam e publicam em suas redes sociais.

As jovens professoras desse trabalho estão entre os 32 e 34 anos, e aqui são identificadas como Zilá, Stela e Marina, nomes fictícios cuja primeira letra coincide com os pseudônimos utilizados por elas no *Facebook*. Atuam em escolas públicas em Belo Horizonte e região metropolitana. Zilá e Marina lecionam nos anos finais do Ensino Fundamental e Stela no Ensino Médio. Zilá é professora de Geografia, Marina de História e Stela de Educação Física.

As três professoras apresentam características em comum em relação à militância, elas respondem aos chamados dos sindicatos, mas, sobretudo, estão em consonância com as questões do agora: vão às ruas, defendem as pautas do trabalho, dos direitos sociais, mas também os diferentes modos de se viver, as questões identitárias e sua forte emergência no presente.

Zilá, Stela e Marina são professoras militantes filiadas a partidos, organizações políticas ditas de esquerda: respectivamente o Movimento Revolucionário dos Trabalhadores (MRT), o Partido Solidariedade (PSOL), o Partido dos Trabalhadores (PT). Exercem, portanto, uma militância partidária, organizada em instituições em que, em maior ou menor grau, oferecem os discursos da luta de classes, do marxismo partidário. Organizações que, nos dizeres de Foucault (2014), solapam qualquer possibilidade de criação, de invenção diante da ideia de fidelidade ao partido.

No entanto, para além de uma militância na qual o que está em jogo é a obediência ao partido, aposto em elementos das práticas discursivas dessas professoras que levam a afirmar que a atuação delas escapa da doutrina partidária e faz parte de um contexto no qual os movimentos, sua forma de organização e a

própria natureza de suas pautas, têm colocado em cheque as formas tradicionais de ser militante partidário de esquerda, tencionando as militâncias com discursos que têm disputado os movimentos da última década: o feminismo, a causa LGBT, o movimento negro, etc. Movimentos constituídos por um conjunto de práticas discursivas que disputam o discurso verdadeiro e governam os modos de ser militante, com seu conjunto de regras, saberes e poderes, produzindo, inclusive, subjetividades, modos de ser e agir.

A pesquisa assume uma inspiração foucaultiana para pensar os vínculos entre ética e política, manifestados nos modos de conduzir as condutas, que conformam a militância. O conceito de experiência, em Michel Foucault, fundamenta as análises. Em seus últimos trabalhos, Foucault (2009) fez um uso da noção de experiência, entendida como ética, como uma relação consigo mesmo. Foucault (2009, p.10) define “experiência”, como a correlação “entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade.” (FOUCAULT, 2009, p. 10)

Tomando a conduta individual como campo de experiência, Foucault (2009) dedica seus estudos finais a mostrar como a forma de se conduzir passa por uma necessária relação consigo, que vai determinar as maneiras pelas quais o indivíduo se constitui como sujeito moral de suas ações. Por esse caminho, o artigo procura apreender traços da correlação entre os saberes, as normas e as formas de subjetividade que estão em jogo nos discursos de militância feminista das professoras pesquisadas.

A pesquisa se filia a uma noção de metodologia que é entendida como um certo modo de articular procedimentos e formular perguntas (MEYER; PARAÍSO, 2012). Partindo dessa perspectiva, elementos da netnografia ofereceram a possibilidade de análise da rede social como lócus de pesquisa. “Essa metodologia consiste na observação dos sujeitos em seu processo de construção de percepções e comportamentos na relação social em rede. Os objetos da pesquisa netnográfica são as conexões e os fluxos produzidos no ciberespaço.” (SALES, 2012, p. 116)

Seguindo os pressupostos da netnografia (SALES, 2002) foi a rede social *Facebook* que, por meio das conexões e fluxos produzidos no espaço virtual pelas professoras Zilá, Stela e Marina, ofereceu uma ampla gama de materialidade para essa pesquisa. Seguindo os preceitos éticos e metodológicos da netnografia (KOZINETS, 2014), foram acompanhadas as publicações no *Facebook* das professoras, no período entre julho de 2016 e dezembro de 2018. Foram selecionados discursos, práticas, elementos de militância, publicados por elas em grande volume, na forma de textos, imagens, vídeos e outros. A partir da netnografia, seguiu-se a entrevista a cada uma delas.

No conjunto do que dizem e publicam na rede social *Facebook*, discursos feministas se destacam entre as práticas de militância das três professoras.

## FEMINISMOS E O CORPO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Margaret McLaren (2016, p. 16) define o feminismo como “uma orientação teórica que inclui uma ampla gama de posições e visões”. Ainda que diversas, “todas as teorias feministas são políticas”. Isso porque todas as teorias feministas embasam um movimento cuja essência é a superação da subordinação feminina, o que pressupõe mudanças sociais e políticas. É também um movimento que está alinhado a determinados conceitos de inclusão, igualdade e democracia. Esse

conjunto teórico tem se fundamentado no entendimento de uma necessária relação entre as teorias feministas e a prática, de modo que as teorias feministas sejam relevantes para a experiência feminina. O desafio proposto ao feminismo é ser acessível ao máximo de pessoas e suas diversidades, pois quando a teoria feminista “(...) falha na consideração das práticas materiais e da vida concreta das mulheres, ela se arrisca a se tornar um exercício vazio em linguagem elitista”. (MCLAREN, 2016, p. 20-21)

O feminismo é um movimento cuja potência política está na emancipação das mulheres. Por essa característica, as lutas feministas tendem a se aproximar da luta de outros movimentos contemporâneos que requisitam justiça social e trazem em seus fundamentos noções de liberdade, direito, autonomia, justiça e verdade. São movimentos também emancipatórios, cujas lutas compõem o movimento negro, o movimento LGBT, e tantos outros que têm apresentado na cena política questões que escapavam à política tradicional.

Importante destacar que as noções tomadas como pressupostos para os movimentos de justiça social são, em muitos casos, motivos de críticas feministas ao pensamento de Foucault. Ao identificarem na obra do filósofo a rejeição às noções universais de liberdade, direito, autonomia, justiça e verdade, de maneira isolada, algumas feministas detêm-se na acusação de uma limitação das mudanças sociais e políticas requeridas pelo movimento. Assim, em “Foucault, feminismo e subjetividade”, McLaren (2016) levantou as principais críticas de feministas à obra de Foucault e procurou, em contrapartida, demonstrar pontos coincidentes entre os debates do feminismo e as reflexões de Foucault, indicando que o conjunto da obra do filósofo pode oferecer importantes contribuições à promoção das ideias e objetivos feministas.

Nessa seara, McLaren (2016) identifica entre as feministas que se fundamentam na obra de Foucault certo questionamento à noção de subjetividade unificada. Contra os universais e metanarrativas, o feminismo pós-estruturalista, por exemplo, tem mostrado o quão potentes são as teorizações de Foucault para o movimento feminista, sobretudo quando ele requer políticas de diversidade e inclusão. Além disso, o conceito foucaultiano de poder – que opera como uma rede, por meio de discursos, instituições e práticas – tem permitido às feministas compreenderem as formas pelas quais o poder funciona localmente, no corpo, utilizando-se de práticas particulares.

As teorias feministas contemporâneas cada vez mais tem convergido para o corpo “como uma fonte de saber, como um local de resistência e como o lócus da subjetividade” (MCLAREN, 2016, p. 109). Sob o lema “o pessoal é político”, o movimento feminista segue levantado questões do tipo violência contra a mulher, sexualidade, reprodução, normas de gênero, padrões estéticos, entre outros temas que agora redimensionam o corpo feminino como o lócus de luta. Esse ponto aproxima a teoria feminista e a obra de Foucault, já que ambas apresentam a rejeição ao dualismo mente/corpo, assim como o entendimento de que o corpo é um local de luta política, de subjetividade e de ação.

Para a autora, para além de um corpo dócil e disciplinado, a obra mais recente de Foucault permite pensar as práticas corporais como práticas de si, que constituem uma subjetividade ética, uma experiência. Corpos são materiais, têm historicidade, são produzidos por relações de poder e resistem. Sobre esse ponto, McLaren (2016, p. 152-153) pondera,

A consideração do pensador do corpo como o lócus de resistência, pode ser vista simplesmente como a conclusão lógica de um argumento que posiciona a subjetividade diretamente no corpo. O que, além de corpos, pode resistir? É meu corpo que marcha em protestos, meu corpo que vai às eleições, meu corpo que frequenta reuniões, meu corpo que boicota, meu corpo que faz greve, meu corpo que participa em operações tartaruga, meu corpo que se lança em desobediência civil. Corpos individuais são requisitos para a ação política coletiva. Seja engajado na macropolítica da luta coletiva ou na micropolítica de resistência individual, são os corpos que resistem. E essa resistência, como o poder, vem de todos os lugares – de movimentos sociais, de discursos alternativos, de acidentes e contingências, de intervalos entre várias formas de pensar, da desigualdade material flagrante e das reconhecíveis assimetrias do poder.

Em Foucault (2014), a resistência pressupõe o dizer “não”, mas ela não é apenas uma negação, ela é também um processo de criação, de transformação, de participação. Na resistência, estão inscritas a revolta, a sublevação, a insurgência. Foucault abre espaço para pensarmos a resistência como lócus para o vínculo ético-político, abre espaço para pensarmos o feminismo como o “não” incisivo perante as normas que conformam o gênero. Assim, a noção de resistência é uma importante contribuição dos escritos de Foucault e funciona de modo potente para o feminismo. A ideia do corpo que resiste anuncia em si a possibilidade de mudança social.

A obra mais recente de Foucault também tem muito a oferecer às feministas, em relação aos vínculos entre ética e política. Em Foucault (2011) encontramos o desafio ético-político da manifestação de um dizer verdadeiro na própria maneira como se vive. Sob essa inspiração, Maria Rita César (2016) aposta que os novos movimentos sociais feminista e das sexualidades, ao ultrapassarem os limites do conceito de identidade e apresentarem as subjetividades dissidentes, estão praticando essa resistência combativa proposta por Foucault.

### **AS JOVENS PROFESSORAS E AS PRÁTICAS FEMINISTAS**

O feminismo, como um conjunto teórico que tem como pressuposto a superação da opressão da mulher, apresenta diversas abordagens que indicam as nuances e direções que disputam o movimento feminista. Nesse artigo, o que se pretende destacar são os traços do discurso feminista que têm constituído a experiência de militância de jovens professoras.

Entre o que as professoras dizem, ser feminista aparece como uma exigência para governarem bem a si mesmas, respondendo moralmente ao chamado a viver uma vida militante. Afirmando isso pois as questões do gênero parecem ser as que inscrevem essas mulheres num determinado tipo de luta e defesa de causas e pautas, suas e de outras pessoas. Assim, longe de uma clara filiação ou defesa de uma única tendência ou perspectiva de feminismo, encontro nessa militância vestígios e rastros de abordagens teóricas de múltiplas origens, que se imbricam conformando os discursos pelos quais elas se auto intitulam feministas.

A professora Zilá, por exemplo, apresenta elementos identificados por McLaren (2016) como um “feminismo marxista”. Um feminismo que se fundamenta no marxismo tradicional e em sua divisão da sociedade em classes sociais. Nessa perspectiva, a divisão de classes é a primeira forma de opressão. O sexismo – assim como o racismo e outras formas de subjugação – tem origens no sistema de propriedade privada. Para essa vertente, o sexismo encontra no patriarcado uma das suas mais importantes formas de sustentação.

Zilá é militante do grupo de mulheres “Pão e Rosas<sup>1</sup>”. O grupo surgiu no Brasil em 2007 como integrante do movimento latino-americano “Pan y Rosas”. Esse movimento teve início na Argentina, em 2001, e em poucos anos se expandiu pela América Latina, Europa e Estados Unidos. Sobre o “Pão e Rosas”, a professora diz que se trata de,

*(...) um grupo que vai reunir as mulheres para dizer que a saída para o problema das mulheres é lutar contra o capitalismo. Então o “Pão e Rosas” não é um grupo... não é um fim em si, a intenção do “Pão e Rosas” no final é chamar as mulheres para se organizarem sob uma estratégia marxista, se organizarem num partido mesmo. (Entrevista Zilá, 2018)*

No Brasil, o “Pão e Rosas” é um agrupamento de mulheres ligado ao “Movimento Revolucionário dos Trabalhadores” (MRT) e procura organizá-las a partir dos locais de trabalho e estudo para o combate pelos direitos, pelas demandas das questões do gênero e contra o capitalismo. Trazem como centro do debate o fato de que a luta contra a opressão à mulher deve ser combatida por toda a classe operária, também como resistência ao capitalismo. Apresentam como caminho a auto-organização das trabalhadoras e da juventude para a luta.

A partir da experiência argentina, o “Pão e Rosas” no Brasil têm também apresentando como pauta o direito ao aborto legal, seguro e gratuito. Entre as ações do grupo de mulheres, estão marchas, debates, mesas e palestras sobre feminismo e marxismo, embasadas pelas temáticas do presente e pela história de luta das mulheres.

No *Facebook* da professora Zilá, encontramos rastros de sua participação em muitas dessas ações, como a manifestação acontecida em Belo Horizonte, em novembro de 2017, que contou com a participação das mulheres do “Pão e Rosas” e de outros coletivos feministas. Nesse ato, centenas de mulheres se reuniram na região central da cidade e seguiram em marcha, manifestando contra a Proposta de Emenda Constitucional - PEC 181<sup>2</sup>, aprovada em uma Comissão Especial da Câmara de Deputados, que trazia como cláusula implícita a proposta de criminalização do aborto em qualquer circunstância. Nas faixas e cartazes conduzidos pelas mulheres, o discurso “direito ao aborto, legal, seguro e gratuito, já!” apresentava a luta do movimento.

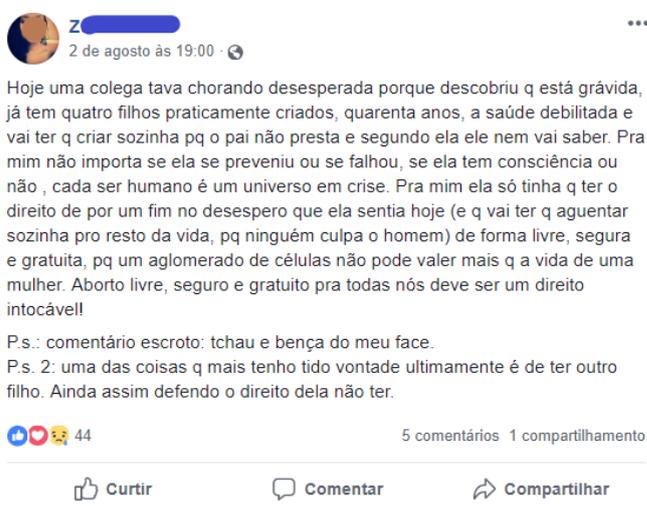
Figura 1: Marcha “Pão e Rosas”



Fonte: Reprodução Facebook, 14 nov. 2017

Questões que se relacionam ao aborto têm sido uma das pautas do movimento feminista que levantam debates, polêmicas e resistências. Tânia Swain (2009) analisa os movimentos contra o aborto como uma das tecnologias de gênero, interessadas no controle sobre os corpos das mulheres, sobre a procriação. Na militância das professoras, a luta pelo aborto como uma política de saúde pública, traz em si o direito de a mulher decidir sobre o próprio corpo. A pauta é o direito ao aborto livre e seguro. Nas palavras de Zilá,

Figura 2: Aborto livre, seguro e gratuito

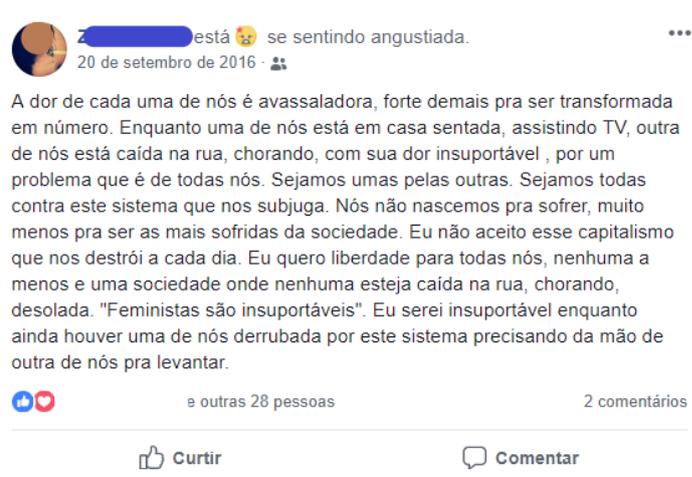


Fonte: Reprodução Facebook, 02 ago. 2018.

Ainda que reiteradamente a professora Zilá se refira à organização das mulheres como mais uma forma de luta contra o capitalismo, a professora materializa em suas publicações elementos tais quais os identificados por Rago (2017) que considera que o caminho percorrido pelo feminismo sobre a subjetividade das mulheres têm as levado a olharem para si mesmas, para os seus corpos, num processo de crítica à normalização, ao confinamento do feminino, à proclamação de uma essência materna, entre outros padrões. Têm também produzido uma espécie de política de amizade, que traz consigo a noção de “sororidade”, intrínseca a ideia de irmandade, solidariedade, união e proteção entre mulheres.

Assim, um feminismo que propõe a defesa da outra e que conclama a uma solidariedade universal entre as mulheres também está presente entre os ditos de Zilá.

Figura 3: Feministas são insuportáveis



Fonte: Reprodução Facebook, 20 set. 2016.

A professora Stela participa do “Movimento Esquerda Socialista” (MES) que é uma tendência política no interior do PSOL. O MES possui um quadro feminista que se dedica a formação política de mulheres, entre outras atividades. Uma das referências de estudos feministas indicada pelo MES é a obra de Angela Davis (2016), “Mulheres, raça e classe”, o que sinaliza para uma formação que considera a intersecção de raça, classe e gênero. A professora é também participante ativa no agrupamento feminista “Juntas!”. Esse agrupamento, assim como o “Pão e Rosas”, impulsionou o movimento “Nem uma a menos” no Brasil, levantando o debate sobre o aborto legal, seguro e gratuito.

Na publicação a seguir, Stela registra um dos encontros do quadro feminista do MES. Nesse registro, comemora a união de mulheres de diversas regiões do país para o estudo do feminismo, anunciado pela professora como uma luta que muda o mundo.

Figura 4: Escola de quadros feministas do MES



Fonte: Reprodução Facebook, 28 jan. 2018.

A professora Stela é lésbica, “sapatão”, como irreverentemente se define. Na militância de Stela, o corpo é político. Assim, assumir-se homossexual é também um ato político, uma vez que, ainda hoje, assumir uma sexualidade que escapa à norma, é sinônimo de afronta, de contraconduta. Viver uma “verdadeira vida” para ela é assumir sua sexualidade, seu casamento com uma mulher. Desse modo, é também uma vida de militância que envolve os riscos da censura, do preconceito, da morte. Aliás, com bastante recorrência, a professora se refere ao fato de o Brasil ser um dos países que mais mata LGBTs no mundo. Sobre o seu casamento, a professora relata:

Somos um casal militante, e decidimos nos casar dia 8 de março de 17. Nos casamos no dia da mulher e no mesmo dia fomos juntas (dessa vez casadas oficialmente) para o ato unificado das mulheres. Nós lutamos para que todo mundo tenha o direito de ser e amar com liberdade. (Rede Social *Facebook* Stela, 09 mar. 2018)

A militância pela causa LGBT é recorrente nas redes sociais da professora Stela. Na postagem a seguir, a professora registra sua participação em uma roda de conversa cujo tema é “lesbofobia”. Importante demarcar que, com essa temática, a conversa é sobre “nossas lutas e dores”. Assim a professora registra uma militância que é pela outra, pelo outro, mas é sobretudo por si, por sua vida.

Figura 5: Conversa sobre Lesbofobia



Fonte: Reprodução Facebook, 03 out. 2017.

Em relação as suas práticas pedagógicas, quando questionada sobre as pautas que envolvem as questões da diversidade e os modos como as apresenta na escola, Stela diz que,

A corrente pedagógica que eu sigo é a “cultua corporal” que não deixa esses assuntos de fora, pelo contrário. (...) Então, quando eu falo, por exemplo, do esporte, da história dos esportes, da participação das mulheres, dos negros e dos gays nas olimpíadas, pergunto: quando foi que isso aconteceu? Por que aconteceu? Como que aconteceu? (...) A história, o esporte eles são vinculados à luta de poder, a ideia de corpo é disputada pela moldagem que fazem do nosso corpo, então não tem como eu falar somente da técnica (...). Não tem como não falar, por exemplo, sobre a questão LGBT, não tem como não falar porque eu sou. Então, nunca imponho aquilo que acredito para eles. Eu faço com que haja um debate sobre o assunto e apresento fatos. A partir dos fatos eles já colocam aquilo que eles acreditam, perguntam. Se me perguntarem o que eu acredito eu vou falar, se eles perguntarem o que é tal coisa eu vou colocar os fatos. Então essa é uma diferença gritante, e aí incomoda de certa forma né? Porque quando a gente traz para a sala de aula, temas que deveriam ser mais cotidianos e não são, de certa forma incomoda quem não quer ouvir. (Entrevista Stela, 2018)

Stela é professora no Ensino Médio e afirma que no seu cotidiano, em suas aulas de Educação Física, tem conseguido trabalhar temas que envolvem as questões de gênero, sexualidade, etnia, em relação às interseções com as temáticas do esporte, que é a sua área. A professora relata que até hoje “não sofreu incômodos” na escola, durante o seu trabalho, mas não deixa de considerar que situações de preconceito pela orientação sexual são recorrentes no ambiente

escolar, o que é facilmente verificado junto as ocorrências de *bullying* contra as/os jovens homossexuais.

Marina é professora, militante e mãe. Em muitas de suas publicações aparece um jogo discursivo no qual a professora faz alusão a vida vivida pela mulher mãe. Em muitas dessas publicações, se refere ao cenário político e a realidade social, principalmente das mães pobres e pretas, com os filhos expostos à violência e a falta de proteção social. As lutas cotidianas enfrentadas pela “mulher preta que carrega os filhos pelas mãos, um na barriga e um nas cadeiras” faz a professora considerar que “A revolução será feminina e será feita pelas mães” (Rede Social Facebook Marina, 10 out. 2018).

Em suas publicações, a professora Marina apresenta a sua maternidade solo como uma escolha. Em muitas passagens faz menção aos discursos do “empoderamento feminino”: “minha gravidez, minhas regras”. Foi com o corpo gestante que Marina foi à docência e deixou registros sobre as tensões que uma professora “mãe solteira” ainda geram na escola. Na passagem a seguir, é interessante destacar o modo com que suas alunas – estudantes de uma região de periferia, com altos índices de gravidez na adolescência e com a recorrência de famílias conduzidas apenas por mães e avós – interpelam a professora grávida e solteira:

Figura 6: Professora, você tem marido?



Fonte: Reprodução Facebook, 25 mai. 2017.

Nesse ponto a professora apresenta o modo como sua militância feminista chega em sua sala de aula. Nesse caso, não é pelos livros, não é pelas práticas pedagógicas de suas aulas de História, mas por seu modo de vida, por seu corpo, por sua forma de se relacionar com a verdade. Sobre essa relação e sua forma de praticar à docência, Marina relata:

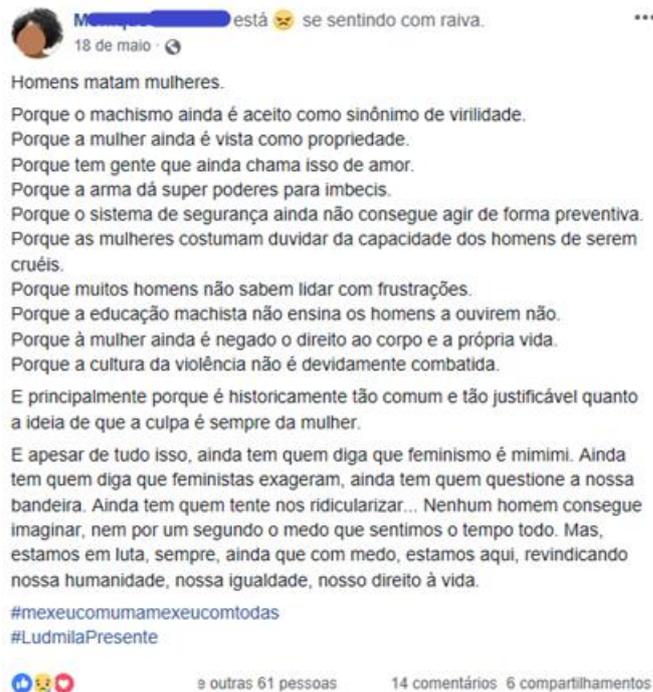
Junto com o discurso, com os livros, com o diploma, com a formação, vai a Marina né? Vai essa mulher para sala de aula. Quando a gente se veste, quando... a forma que a gente se

locomove ali, é um corpo em movimento, e ele traz informações. E eu acho muito interessante porque, esse tempo que eu fiquei grávida da (...), era isso, “‘fessora’ você não é casada, você não tem namorado e tal, por que você tá grávida?” E essa fala, tipo, “é porque eu quero”, “porque eu posso”, isso é muito didático, eu acho que existe uma didática muito grande quando você demonstra essa liberdade que você prega, eu prego a liberdade e eu vivo essa liberdade, não prego isso só para o outro, isso faz parte da minha vida, esse empoderamento de decisão, isso não é só um discurso da moda, é a forma que eu vejo de viver e eu acho pedagógico. (Entrevista Marina, 2018).

Aqui é importante destacar que a feminista Marina atribui a “revolução” à “mulher mãe” sem se preocupar, por exemplo, com um discurso do feminismo que identifica no apelo as mulheres como mães ou no papel de cuidadoras, o reforço das visões estereotipadas sobre o gênero, valorizando peculiaridades produzidas pela opressão patriarcal (MCLAREN, 2016). Por outro lado, a professora olha para sua gestação como escolha, como exercício de liberdade. Seu feminismo, portanto, aposta nas questões práticas e imediatas vividas pelas mulheres.

Swain (2016, p. 226) identifica no feminismo um movimento que tem agido de modo a produzir mudanças na ordem do discurso androcêntrico. Afirma isso porque destaca o crescente número de denúncias de estupros nos últimos anos. Para a autora “este crime foi sempre silenciado, graças à condescendência de uma sociedade masculina, crente em seu direito natural de apropriação das mulheres e seus corpos”. A denúncia contra a violência e a apropriação dos corpos das mulheres, seja por meio do abuso sexual ou do “feminicídio”<sup>3</sup>, é bastante recorrente entre as publicações na rede social da professora Marina Sobre essa questão, a publicação a seguir simboliza bem o movimento que costuma realizar em seus discursos: a denúncia da violência contra a mulher e a afirmação do feminismo como estratégia de combate.

Figura 7: Homens matam mulheres



Fonte: Reprodução Facebook, 18 mai. 2018.

A partir dessas publicações, a intenção foi mostrar que Zilá, Stela e Marina se relacionam com o feminismo tomando-o como uma exigência política e acionando uma ampla rede de discursos, a partir dos quais se posicionam diante das questões e problemas cotidianos que afetam as mulheres. Por essas questões e problemas se inscrevem no campo da luta política e falam de pautas sobre as quais não abrem mão em sua militância. É o momento em que falam de si e, por esse caminho, escolhem um modo de se conduzir que demanda a resistência, mesmo que “pequena”, circunscrita à rede social, mas que expõe e denuncia às formas com que as questões de gênero modulam as relações sociais.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tensionar o campo da política em seus espaços institucionalizados, levantando as pautas das questões femininas, são práticas que não são novas (RAGO, 2011). Acontece no Brasil desde que as mulheres passam a se inserir nos espaços de luta, marcadamente nos finais da ditadura militar e no período de redemocratização, indicando uma importante forma de resistência dessas militantes.

Assim, a maneira como as jovens professoras conduzem sua militância é, de certa forma, com a continuidade do tensionamento das pautas das mulheres na política tradicional: partidos, sindicatos, ONGs, instituições e amplos espaços sociais. É, portanto, a continuidade da experiência de mulheres que, nas últimas décadas, têm dedicado suas vidas à luta e a denúncia de suas causas.

A novidade talvez esteja no fato de que agora essa militância está inserida nas redes sociais, o que lhes confere um outro espaço de fala, redimensiona a visibilidade do que dizem e propõe outros modos de ser, por meio de uma relação intrínseca entre militância feminista e modos de vida. As redes sociais e as disputas discursivas desse espaço, com sua nova gramática, tensionam, inclusive, os espaços institucionalizados tradicionais, oferecendo a essa militância um importante lócus de luta. É uma forma de militância que produz conhecimento, movimenta e é movimentada por interações difusas: na internet, nas redes sociais, na escola, no partido, no sindicato, na vida cotidiana.

Essa novidade também apresenta riscos, aqueles que se referem aos usos das redes sociais. Em geral, essa prática de militância assume o risco do discurso que circula em “bolhas virtuais<sup>4</sup>”, ou seja, entre pessoas que lutam e defendem as mesmas pautas e causas, diminuindo o espaço de interação com o contraditório. Também assume o risco de ser uma militância que encampa as lutas mais passíveis de *likes*<sup>5</sup>. A pauta *queer*, por exemplo, tem uma ressonância muito pequena na “bolha” de militância dessas professoras, o que, de certa forma, reproduz a resistência que os “estudos de gênero” encontram na sociedade e, conseqüentemente, nas redes sociais, marcadamente após a apropriação do termo “ideologia de gênero” por parte de grupos conservadores. O risco também se apresenta perante uma militância que procura viver, praticar o que diz, mas, ao mesmo tempo, se encerra em suas próprias práticas, em seu cotidiano, em seu vivido, reforçando um falso dualismo teoria e prática.

Em todo caso, é importante identificar que a experiência de militância das professoras dessa pesquisa faz um movimento que mobiliza fragmentos, rastros, pedaços de discursos feministas historicamente construídos, de modo que, por meio de uma cola entre esses fragmentos, realizam a denúncia contra as violências à mulher, se revoltam contra as situações de desigualdade, reivindicam a sexualidade feminina sem estigmas, dão voz às lutas pelas sexualidades dissidentes, resistem. Elas são parte de um importante movimento que tem sido feito nas redes sociais.

Assim, o artigo objetivou apreender os traços da correlação entre os saberes, as normas e as formas de subjetividade que estão em jogo nos discursos de militância feminista das professoras pesquisadas. A partir da correlação desses elementos o que parece é que as professoras estão inseridas em um movimento de saberes feministas que circula e tem algo a dizer, questões para levantar, ideias para contestar, reflexões a propor. Estão em um movimento que, por meio da denúncia e da autoafirmação, tem colocado em questão as normas que imperam sobre os corpos, normalizando o ser mulher, o ser mãe, as formas de viver a sexualidade. Por essas questões, a militância feminista tem conduzido condutas e modos de se viver, se disseminando entre os discursos que circulam pelas redes sociais.

A experiência de militância que essas professoras praticam em suas redes sociais parece bastante relacionada com a prática de movimentos que falam por si. Elas são mulheres que falam de si, exercem uma intelectualidade sobre as questões em que se envolvem, fazem escolhas, teorizam, escrevem textos. Levam o seu modo de vida para as escolas, para a sala de aula. Vão às ruas, falam, denunciam, assumem riscos, estão atentas ao agora, resistem e vão tecendo outros nós para essa rede.

## The experience of young feminist teachers and the social network as a locus of militancy

### ABSTRACT

This article focuses on the feminist discourse that constitutes the militancy experience of three young teachers, based on their discursive practices on the social network Facebook. The social network is understood here as the locus of militancy of multiple agendas, multiple focuses, multiple movements. The concept of experience, in Michel Foucault, underlies the analyzes. We tried to apprehend traces of the correlation between knowledge, powers and forms of subjectivity that are at stake in the feminist militancy speeches of the researched teachers. To answer the research questions, a netnography was made on the profile of the social network Facebook, followed by an interview with each of them. From what they publish on the social network, it is possible to say that they make a movement that mobilizes fragments, traces, pieces of feminist discourses historically constructed, in order to carry out the struggle, the denunciation and the resistance.

**KEYWORDS:** Feminism. Teachers`s militancy. Social networks.

## La experiencia de las jóvenes profesoras feministas y la red social como lugar de militancia

### RESUMEN

Este artículo se centra en el discurso feminista que constituye la experiencia de militancia de tres maestras jóvenes, basada en sus prácticas discursivas en la red social Facebook. La red social se entiende aquí como el sitio de militancia de múltiples agendas, múltiples enfoques, múltiples movimientos. El concepto de experiencia, en Michel Foucault, subyace a los análisis. Intentamos capturar la correlación entre los saberes, los poderes y las formas de subjetividad que están en juego en los discursos feministas militantes de las maestras investigadas. Para responder las preguntas de investigación, se realizó una netnografía en el perfil de la red social Facebook, seguida de una entrevista con cada una de ellas. De lo que publican en la red social, es posible decir que hacen un movimiento que moviliza fragmentos, huellas, piezas de discursos feministas históricamente construidos, para llevar a cabo la lucha, la denuncia y la resistencia.

**PALABRAS CLAVE:** Feminismo. Maestras militantes. Redes sociales.

## NOTAS

<sup>1</sup> Sobre o “Pão e Rosas”, ver “Isso é Pão e Rosas, companheiras!”, de 20 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Isso-e-Pao-e-Rosas-companheiras>. Acesso em 25 de abr. de 2019.

<sup>2</sup> A PEC 181/2015 segue em tramitação na Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao;jsessionid=BB8F8E2CBD71AD03AE730AF71D7E2F5C.proposicoesWeb1?idProposicao=2075449&ord=0>. Acesso em 28 de abr. de 2020.

<sup>3</sup> A Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como “Lei Maria da Penha”, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. A Lei Nº 12.015, de 7 de agosto de 2009, altera o código penal brasileiro, ampliando a tipificação do crime de estupro. A Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015, passa a prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Feminicídio é definido por essa Lei como crime “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino”. A promulgação dessas leis pode ser consideradas como avanços do movimento feminista e, de certa forma, ampara o crescente número de denúncias de violência contra a mulher.

<sup>4</sup> Sobre aquilo que é acessado no ambiente *online*, os termos “bolha virtual” ou “filtros bolha”, são usados para indicar a recorrência de temas, posicionamentos, produtos de consumo, links de interesses, e outros, apresentados aos usuários de ferramentas como, *Facebook*, *Instagram*, buscas no *Google* e outras. Essas empresas, por meio de ferramentas como o próprio histórico de navegação, buscam oferecer ao usuário primeiro, e facilmente, aquilo que é de seu interesse de consumo e se encaixa em seu perfil. Esse interesse é monitorado a partir daquilo que “curtem”, “compartilham”, acompanham, pesquisam. Como efeito, essas ferramentas tendem a diminuir os níveis de interação com aquilo que é diferente dos gostos apresentados, levando o usuário a um contato recorrente com determinados assuntos e informações que lhes são afins. Isso potencializa uma falsa percepção de “hegemonia” nas formas de pensamento, nas formas de consumo, na medida em que as redes sociais acabam inserindo e limitando os usuários a determinadas “bolhas” de interesse. (AUGUSTO, 2018)

<sup>5</sup> *Likes* ou “curtir”, simbolizado pelo sinal de positivo, é uma ferramenta de interação da rede social *Facebook* utilizada para que os usuários demonstrem aprovação a um determinado conteúdo publicado. O número de *likes* é facilmente visualizado em cada publicação.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Alexandre. Filtro bolha, o mal da Internet. **Blog Comunicação e Cultura Digital**. 16 ago. 2018. Disponível em <http://www.jornalismo.ufv.br/digital/filtro-bolha-o-mal-da-internet/>. Acesso em 07 out. 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A crítica da noção de identidade e atualizações contemporâneas da estética da existência: feminismo(s), movimentos LGBT e política *queer*. In.: RESENDE, Haroldo. **Michel Foucault**: política – pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 137-146

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**; organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Ditos e escritos; IX)

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

McLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismo e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy. Apresentação. In.: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

RAGO, Margareth. Escritas de si, Parrésia e Feminismos. In.: VEIGA-NETO, A.; CASTELO BRANCO, G. (orgs). **Foucault, Filosofia e Política**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RAGO, Margareth. Foucault, o neoliberalismo e as insurreições feministas. In.: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio (orgs). **Michel Foucault e as insurreições**: é inútil revoltar-se? São Paulo: CNPq, Capes, Fapesp, Intermeios, 2017. p. 363-374.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escol@**: currículos e ciborguização juvenil. 2010. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SWAIN, Tânia Navarro. Liberdade. In.: RESENDE, Haroldo (org.). **Michel Foucault**: política – pensamento e ação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p.223-230

SWAIN, Tânia Navarro. Todo homem é mortal. Ora, as mulheres não são homens; logo são imortais. In.: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 389-402.

**Recebido:** 28/04/2020.

**Aprovado:** 04/06/2020.

**DOI:** 10.3895/cgt.v13n42.12122.

**Como citar:** DOROTÉIO, Patrícia Karla Soares Santos. A experiência de jovens professoras feministas e a rede social como lócus de militância. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v.13, n. 42, p. 202-219, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Patrícia Karla Soares Santos Dorotéo**

Av. São Paulo, número 3996, Bairro Vila Rosário, Ibirité, Minas Gerais, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

